
ARTIGOS

A magia e a ética no pentecostalismo brasileiro*

*Maria das Dores Campos Machado***

Resumo

Análise das dimensões mágicas e éticas do movimento pentecostal. Estruturada em cinco sessões, apresenta de início alguns dados de pesquisas quantitativas sobre as crenças dos pentecostais nas intervenções das forças sobrenaturais na atualidade e a capacidade das comunidades religiosas de modificar a conduta dos fiéis. Em seguida, é realizado breve apanhado das contribuições mais relevantes para a compreensão da forte associação entre o mal e o diabo no pentecostalismo para demonstrar a pertinência da chave interpretativa em que a magia pode constituir-se em importante elemento para a “eticização” de determinados segmentos sociais. Na terceira e quarta sessões, são examinadas as percepções e atitudes das lideranças religiosas de alguns dos grupos mais expressivos do pentecostalismo em torno das questões da homossexualidade e do uso de embriões humanos em pesquisas científicas para demonstrar o deslizamento, tanto no plano discursivo quanto no plano prático, da magia para a ética. Finalmente, na quinta sessão, desenvolve-se o argumento de que a adoção de novas gramáticas e estratégias de atuação na esfera pública não provocam necessariamente a abolição da magia, mas pode fazer com que essa dimensão seja cada vez mais explorada para dentro do grupo.

Palavras-chave: magia; ética; pentecostalismo.

* Esta comunicação resulta das pesquisas que desenvolvi nos últimos sete anos sobre a relação entre religião e cultura política no Rio de Janeiro com o financiamento do CNPq.

** Doutora em Ciências Humanas, professora de Sociologia na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Magic and Ethics in Brazilian Pentecostalism

Abstract

This is an analysis of the magical and ethical dimensions of the Pentecostal movement. Structured in five sections, it presents at the beginning some data, from quantitative surveys, regarding the beliefs of Pentecostals in the interventions of supernatural forces in the present day and the capacity of the religious communities to modify the conduct of their faithful. After that, a survey is made of the most relevant contributions to our understanding of the strong association between evil and the devil in Pentecostalism in order to demonstrate the pertinence of the interpretative key in which magic can constitute itself as an important element in the “ethicizing” of certain social segments. In the third and fourth sections an examination is made of the perceptions and attitudes of religious leaders of some of the more representative groups within Pentecostalism regarding the questions of homosexuality and the use of human embryos in scientific research in order to demonstrate the slipping, in both the discursive and the practical planes, from magic to ethics. Finally, in the fifth section, the argument is developed that the adoption of new grammars and strategies of action in the public realm do not necessarily provoke the abolition of magic but can make this dimension even more exploited within the group.

Keywords: magic; ethics; Pentecostalism.

La magia y la ética en el pentecostalismo brasileño

Resumen

Se trata de un análisis de las dimensiones mágicas y éticas del movimiento pentecostal. Estructurada en cinco secciones, presenta en el inicio algunos datos de investigaciones cualitativas sobre las creencias de los pentecostales en las intervenciones de las fuerzas sobrenaturales en la actualidad y la capacidad de las comunidades religiosas de modificar la conducta de los fieles. En seguida, se realiza un breve bosquejo de las contribuciones más relevantes para la comprensión de la fuerte asociación entre el mal y el diablo en el pentecostalismo para demostrar la pertinencia de la clave interpretativa en que la magia puede constituirse un elemento importante para la “eticización” de determinados segmentos sociales. En la tercera y cuarta secciones, son examinadas las percepciones y actitudes de los líderes religiosos de algunos de los grupos más expresivos del pentecostalismo en torno de las cuestiones de la homosexualidad y del uso de embriones humanos en investigaciones científicas para demostrar el deslizamiento, tanto en el plano discursivo cuanto en el plano práctico, de la magia para la ética. Finalmente, en la quinta sección, se desenvuelven el argumento de que la adopción de nuevas gramáticas y estrategias de actuación en la esfera pública no provocan necesariamente la abolición de la magia, pero puede hacer que esa dimensión sea cada vez más explotada para dentro del grupo.

Palabras-clave: magia; ética; pentecostalismo.

I – Introdução

Recente pesquisa, intitulada *Spirit and Power*, realizada em dez países de três continentes no início do século XXI,¹ indica que os pentecostais se destacam, entre os cristãos, como o segmento confessional que mais acredita na intervenção de forças sobrenaturais na atualidade. A representação estatística dos pentecostais brasileiros que concordam completamente com a idéia de que anjos e demônios estão ativos no contexto contemporâneo (81%) é a terceira do ranking global, só perdendo para os irmãos de fé do Chile (84%) e das Filipinas (82%). O interessante é que quando se compara essa representação com os dados relativos à experiência própria e ou o acompanhamento de práticas exorcistas em terceiros, verifica-se que o percentual dos pentecostais brasileiros fica praticamente inalterado (80%). Entretanto, a inserção desse segmento no ranking global cai para o segundo lugar, ficando atrás apenas dos pentecostais quenianos que apresentam as maiores taxas de respostas assertivas (86%), enquanto os pentecostais chilenos e filipinos caem para a quarta posição. Ou seja, entre os pentecostais brasileiros a crença na atuação dos anjos e demônios aparece associada à grande participação ou assistência nos rituais de exorcismo.

Como sabemos que nas últimas décadas a mídia eletrônica vem sendo muito utilizada para a transmissão das experiências de possessão e para a divulgação do exercício da expulsão das forças malignas por parte de pastores pentecostais, parece mais pertinente interpretar tal associação em função da visibilidade que as práticas de exorcismo ganharam em nosso país. Como vários estudos já demonstraram (Fonseca: 2003 e 2004; Machado: 2001) a adoção de novas tecnologias para o recrutamento de fiéis e para a divulgação das atuações das estruturas eclesíásticas nas esferas sociais e política constituiu elemento fundamental para a mobilidade religiosa e a expansão do pentecostalismo nesta virada de século. Esses dados não só confirmam a importância da dimensão mágica da configuração pentecostal, como também sugerem o entrelaçamento dessa dimensão com formas pós-modernas de atuação eclesial na esfera pública.

Mas voltemos aos dados da pesquisa para confrontar a percentagem dos pentecostais que acreditam na intervenção dos anjos e das forças demoníacas no mundo de hoje com outros dados referentes à sociedade brasileira. De acordo com o relatório da pesquisa, *Spirit and power*, a representação dos pentecostais que admitem a crença na atuação dos demônios é superior em 23,

¹ Ver pesquisa *Spirit and Power* no site <http://pewforum.org/publications/surveys/pentecostals-06.pdf>. Os países são África do Sul, Estados Unidos, Brasil, Chile, Coréia do Sul, Guatemala, Filipinas, Índia, Nigéria e Quênia.

24, e 28 pontos percentuais em relação à da população em geral, dos grupos carismáticos e dos outros cristãos, respectivamente. Entretanto, quando se examinam as percentagens dos que passaram pela experiência ou assistiram a rituais de exorcismo, verifica-se que as diferenças tendem a ser bem maiores do que no caso da simples crença na intervenção, assinalada anteriormente: 46 pontos percentuais acima da representação identificada na população total e 50 pontos percentuais em relação aos carismáticos. De qualquer maneira, mais de um terço da população brasileira em geral e dos carismáticos já viveram a experiência ou presenciaram a expulsão de entidades malignas.

Por outro lado, várias investigações quantitativas e qualitativas revelam que os integrantes dos grupos pentecostais são os brasileiros que mais expressam a tendência de adotar o *ethos* confessional no dia a dia. A pesquisa Datafolha,² divulgada às vésperas da visita de Bento XVI ao Brasil, por exemplo, indica que, enquanto a percentagem dos pentecostais que afirmam ter mudado de hábitos por causa da religião é de 54 %, entre os evangélicos não pentecostais a representação é de 45% e entre os católicos é de apenas 9%. Ou seja, as comunidades pentecostais influenciam mais na subjetividade e na conduta de seus fiéis dos que os outros grupos cristãos. E aqui nos defrontamos com a dimensão ética do pentecostalismo brasileiro e com a intrigante questão: pode uma religiosidade ser ao mesmo tempo mágica e ética?

II – As múltiplas encarnações do demônio no pentecostalismo

[...]o demônio pode apresentar-se como discurso multívoco e acaba sempre por ser enriquecedor. Porque – para além da multiplicidade e da diversidade dos discursos demonológicos, e das suas complexas genealogias, para além da crença (maior e menor) na real existência do(s) diabo(s), para além dos demônios concretos que cada tempo escolhe para com eles digladiar e se preocupar – são reais os problemas que ele (s) levanta(m). Porque são os problemas de fundo que afetam o homem na sua história. Ontem e hoje. Luís Adão da Fonseca (2002:10)

Os estudos sobre o desenvolvimento do cristianismo no Ocidente reconhecem a lógica dicotômica e dialética que articula o bem e o mal no imaginário católico e nas teologias protestantes e enfatizam o caráter histórico das diferentes encarnações do diabo. De modo bem sintético, poderíamos afirmar que as formas e expressões assumidas pelo demônio dependem da cultura

² Ver o jornal Folha de São Paulo, Caderno Especial 1, *Religião*, de domingo, 6 de maio de 2007, p.4 e 5.

religiosa da sociedade, das relações sociais que envolvem os grupos de fiéis e, mesmo do contexto geográfico em que tais relações se desenrolam. Na literatura brasileira, vários autores procuraram articular algumas dessas dimensões na busca de explicações para o fenômeno da expansão do pentecostalismo nas camadas empobrecidas da população. Regina Novaes (1997), estudando os trabalhadores agrícolas crentes do campo paraibano, mostrou que a Besta Fera nos anos de 1970 podia ser identificada ora com o Papa, ora com o latifúndio, ora com o capitalismo, e que essas múltiplas encarnações estavam relacionadas não só com a situação de exploração desses segmentos sociais, mas também com a presença de mediadores externos na região: sindicatos, partidos políticos, agentes de pastorais etc.

No que se refere às configurações urbanas, Cecília Mariz (1997 e 1999) estabeleceu inteligente comparação entre os processos de demonização do mal ocorridos nas idades média e moderna e aquele em curso na sociedade brasileira contemporânea. Seguindo sua interpretação, enquanto no passado europeu, a diabolização constituiu poderosa ferramenta cognitiva para a dominação de grupos minoritários como os judeus, as mulheres e os índios, pode se verificar no pentecostalismo descontinuidade em relação à posição social dos que temem o demônio e tentam combatê-lo. Afinal, são os pobres, as mulheres, os idosos, os negros os que enchem os templos pentecostais e assumem a linha de frente no combate às forças demoníacas. E o fazem a partir de elementos mágicos da própria religiosidade popular. A utilização de tais elementos não deve ofuscar as preocupações éticas dos pentecostais, pois para a socióloga em questão a magia pode ser, e é no caso desses segmentos religiosos, “eticizante”. Ou seja, o que permite a vitória de Deus e do seu Filho sobre o demônio são suas virtudes morais. Quem almeja seguir os seus passos deve procurar desenvolvê-las. Nessa perspectiva, a magia não exclui a ética, mas pode ser o caminho para se chegar a ela. Voltarei à interpretação dessa autora mais adiante mas antes queria chamar atenção para as contribuições de outros cientistas sociais que também trataram dessa relação de continuidade entre a magia pentecostal e a cultura religiosa brasileira.

De acordo com Ricardo Mariano (1999 e 2005) uma das diferenças entre os cultos neopentecostais³ e aqueles das primeiras duas ondas do movimento pentecostal no país, seria justamente a “hipertrofia da guerra entre Deus e o Diabo”. Para esse autor, os neopentecostais radicalizaram a luta contra o mal que já se fazia presente entre os pentecostais clássicos e o diabo tornou-se o

³ Existe vasta literatura que trata das diferenças entre os grupos pentecostais no país. Os estudos de Freston (1993) e Mariano (1999) encontram-se entre os mais significativos.

braço direito das igrejas que o combatem. Nessa linha de interpretação, a importância da figura do demônio nos cultos, crenças e práticas, restringiria a capacidade de autodeterminação dos homens e reduziria a importância das concepções de livre arbítrio, minimizando a dimensão ética valorizada por outros segmentos evangélicos. Como num gradiente que teria nos extremos a ética e a magia, os neopentecostais se encontrariam no pólo oposto ao dos protestantes históricos que apresentam interpretações mais racionalistas do mal.

Convém registrar que essa leitura não é incompatível com os argumentos de Cecília Mariz apresentados anteriormente, pois, quando se amplia o universo da comparação, confrontando os neopentecostais com os grupos afro-brasileiros, percebe-se que é justamente a magia dos primeiros que favorece a passagem dos fiéis que vêm dos terreiros de umbanda e do candomblé para uma religiosidade mais ética. Mais quais seriam os elementos mágicos que sustentariam essa ponte cognitiva entre o neopentecostalismo e as expressões religiosas afro-brasileiras?

Para Patrícia Birman (1997 e 2003), o culto neopentecostal depende da “cultura de possessão” pré-existente nos segmentos populares da sociedade brasileira. Uma das mais importantes características dessa cultura é a articulação da concepção absoluta do mal com uma visão mais relativa onde o mal, que é onipresente e banal, faz parte da ordem cotidiana. Esse fato exige contínua vigilância e combate eterno perante influências malignas atribuídas, preferencialmente, às forças sobrenaturais invocadas nos centros de umbanda e candomblé.

Assim como essa autora, Ronaldo Almeida (2003) destaca a “antropofagia religiosa” praticada pela IURD, igreja que se expande num processo de “fagocitose das religiosidades afro-brasileiras”. Dito de outra forma, sua teologia do mal se alimenta das entidades do panteão afro-brasileiro, desvalorizadas e associadas a diversas formas de malefício. Nesse processo de ressignificação, convém destacar que os infortúnios são divididos e identificados com entidades que apresentam determinadas características. Assim, enquanto ao Exu Zé Pilintra, visto como malandro, associam-se comportamentos transgressores como o roubo e a morte, problemas financeiros e dificuldades de conseguir emprego são atribuídas ao Exu Tranca-Rua. Já o adultério e a homossexualidade são interpretados como resultados da intervenção da Pomba Gira na vida cotidiana. Retomarei esse ponto mais tarde; antes, porém, queria assinalar que existe consenso entre os estudiosos de que a idéia do demônio que se apossa do corpo e do coração do indivíduo, levando-o às transgressões morais ou à doença, reduz a responsabilidade humana em face dos infortúnios e permite certo descolamento do sujeito social em relação às experiências passadas. Esse descolamento favorece o processo de construção de nova subjetividade individual.

As divergências nas interpretações começam quando se analisa as formas de combate ao mal implementadas pelos grupos neopentecostais. Enquanto Mariano centra-se na prática ritual e, mais especificamente no exorcismo, Birman (1997 e 2003) e Mariz (1997 e 1999) reconhecem que para além das formas de purificação ritual – e, aqui estaria não só o exorcismo, mas também a purificação com o óleo ungido, a ingestão do sangue de Jesus, entre outros, - verificaríamos o controle ético onde o testemunho cumpriria papel fundamental. A pertinência dessa chave interpretativa que trata da tensão constitutiva da magia e da ética nas expressões religiosas pentecostais e neopentecostais torna-se mais visível quando examinamos as percepções e atitudes das lideranças religiosas desses segmentos em relação à política institucional, à homossexualidade e ao uso da célula tronco em pesquisas científicas.

A antiga rejeição e as mudanças de atitude dos pentecostais brasileiros em relação à participação dos sujeitos religiosos na esfera da política partidária já foram tema de vários estudos (Freston:1993; Mariano: 2001; Machado, 2006; Campos: 1997). Assim, sentimo-nos livres para nos concentrar nos pontos mais importantes para o desenvolvimento de nosso argumento em torno da tensão entre a magia e a ética na configuração religiosa em questão. Nesse sentido, uma das características mais assinaladas pelas investigações até o final da década de 1980 era o alinhamento dos pentecostais com os segmentos mais conservadores da política nacional e a demonização dos candidatos dos partidos considerados de esquerda. Entretanto, durante os anos 90 verificou-se o processo de aproximação de alguns setores do pentecostalismo com o Partido dos Trabalhadores (Oro: 2001) e muitos líderes que ajudaram a demonizar Lula nas primeiras eleições presidenciais adotaram uma política mais afinada com o discurso dos petistas, especialmente no que se refere ao combate à corrupção e à defesa da ética na política.

Algumas declarações do antigo coordenador político da IURD, Carlos Rodrigues, no processo eleitoral de 2002 expressam não só a clara percepção da capacidade de influência da estrutura hierárquica sobre os fiéis, como também da importância de se agregar novas dimensões aos recursos mágicos que propiciavam tal influência: “Fabricamos o veneno. Por isso, sabemos qual é o antídoto”(O *Globo*, 10/10/2002). Ou ainda “vamos falar para eles que não tenham medo de boatos falsos de que Lula vai perseguir os evangélicos, vai fazer o primeiro casamento de homossexuais no Palácio do Planalto, vai fazer aborto indiscriminado, boatos que são lançados em época de campanha”(O *Globo*, 12/10/2002).⁴ Como se pode entrever nessas declarações, a preocupa-

⁴ Esta mudança é importante, uma vez que numa pesquisa nacional realizada em 1994, Pierucci e Prandi identificaram significativa relação entre religião e intenção de voto. Segundo estes autores, entre os pentecostais e carismáticos católicos encontravam-se os maiores índices de rejeição a Lula.

ção com a propagação da moralidade religiosa seria bem maior do que com a ética na política. Esse fato que seria confirmado posteriormente com o envolvimento de Carlos Rodrigues e de mais de trinta outros de parlamentares evangélicos nos escândalos econômicos e casos de corrupção que ocorreram no primeiro governo Lula.

III – Homossexualidade, o mal da Aids e a internalização da moral pentecostal

Retomando o argumento inicial das múltiplas encarnações do demônio, as investigações na década de 1990 já indicavam a associação estabelecida da homossexualidade com a possessão demoníaca entre os grupos pentecostais e a tendência de interpretar a Aids como castigo divino (Machado, 1996 e 1998). As preocupações dos movimentos sociais e dos setores mobilizados, seja no combate à doença seja na luta pelo reconhecimento do direito de escolha da orientação sexual, fizeram com que um dos fatores mais explorados no debate público sobre as percepções e atitudes dos pentecostais em relação à problemática fosse, justamente, a prática do exorcismo em cultos para expulsar demônios e “curar” homossexuais e portadores do HIV. Dito de outra maneira, a magia estaria a serviço de rígida moral sexual e da ordem sócio-sexual tradicional.

Observamos que no caso das expressões afro-brasileiras, onde a ética da salvação não se faz notar, a dimensão mágica é um dos pontos de atração para os que não se identificam com o modelo heterossexual hegemônico na sociedade de matriz cristã (Birman, 1995; Segato, 1986; Fry, 1982). Nessas tradições, a magia se apresenta como possibilidade de deslocamento dos sujeitos para além dos seus corpos e campo de experimentação. Não é por acaso, então, que essas expressões religiosas seguem discriminadas pelos pentecostais, ainda que a competição religiosa não se limite aos terreiros nem ao campo católico, mas se expanda no interior do próprio universo evangélico.

No caso dos pentecostais, já demonstrei que a conversão religiosa pode se constituir em estratégica busca de contenção por parte dos próprios sujeitos sociais que mantêm relacionamentos homo-afetivos, principalmente no contexto de disseminação do vírus HIV (Machado, 1998). Ou seja, mais do que a experiência mágica em si, os fiéis estariam procurando parâmetros morais que correspondessem a suas próprias disposições internas (Duarte: 2006). Essas disposições poderiam estar ligadas ao medo de contaminação, mas poderiam também estar vinculadas à situação de marginalidade social dos que ao lado das mulheres, idosos, alcoólatras, negros e doentes começavam também a buscar os templos neopentecostais: os homossexuais pobres.

Com isso não se pretende, de forma alguma, negar o fato de que a conjugação da dimensão mágica com os padrões morais absolutos tenha fomentado a homofobia com a expansão das práticas de exorcismo e a criação de ONGs direcionadas aos gays, lésbicas e travestis que se defrontam com dificuldades das mais diferentes naturezas (Giumbelli, 2005; Natividade, 2005). E que os sujeitos sociais mais afetados são justamente os pobres que não dispõem de recursos cognitivos para desenvolver uma visão crítica em relação ao discurso e às propostas das lideranças religiosas. Esse dado é inegável na realidade brasileira. Contudo, faz-se necessário compreender por que os grupos tradicionalistas com visão tão negativa das relações homo-afetivas exercem atração junto a esses segmentos sociais. É importante investigar também as mutações nas percepções e atitudes dos dirigentes em função dos processos políticos em curso na sociedade brasileira.

De acordo com o relatório da pesquisa *Spirit Power*, analisada anteriormente, 76% dos pentecostais brasileiros acham que a homossexualidade não pode ser justificada de forma alguma. Essa percentagem é bem maior do que as identificadas entre carismáticos e entre os outros cristãos que ficam em torno de 46%. Contudo, quando comparados com os “irmãos” dos outros nove países que integram a amostra da pesquisa, a representação dos pentecostais brasileiros que rejeitam a homossexualidade se situa na oitava posição, atrás da de Quênia (99%), Nigéria (97%), Coréia do Sul (90%), Índia (87%), Filipinas (86%) e Estados Unidos (80%). Essa rígida moral sexual não necessariamente vem acompanhada da percepção da Aids como punição pelo comportamento sexual inapropriado. Pelo menos em cinco dos dez países investigados, e o Brasil se encontra entre eles, a maioria dos pentecostais rejeita explicitamente a associação da doença com o castigo divino. Em nosso país, as percentagens dos que concordam com a idéia de que a Aids é punição pela conduta imoral são de 27% para a população total e de 35% para os pentecostais, enquanto entre carismáticos e outros cristãos ficam em torno de 23 e 26%, respectivamente.

Não se pode ignorar que a mobilização de setores da sociedade civil na defesa da diversidade sexual, a implementação do Programa Nacional de Combate à Homofobia por parte do governo Lula, e o crescente interesse dos atores pentecostais pela política partidária tiveram influências nesse cenário, reduzindo a importância da magia no discurso de muitas lideranças religiosas. Dito de outra maneira, a demonização da homossexualidade circunscreve-se, cada vez mais, às celebrações na comunidade religiosa, enquanto no debate público verifica-se a tendência do moralismo religioso se deslocar na direção do naturalismo e das ciências médicas e comportamentais. As apropriações do conhecimento dessas áreas são muito con-

troversas e têm servido de base para diversas iniciativas polêmicas na esfera da sociedade civil e da política (Giumbelli, 2005).

Só para ilustrar, na legislatura passada (2003-2007), um deputado estadual do Rio de Janeiro, Edino Fonseca, pastor da Igreja Assembléia de Deus, chegou a apresentar um projeto de Lei (nº 717/2003) propondo que o Estado garantisse o tratamento às pessoas que quisessem abandonar a homossexualidade, apresentada como “doença” ou “desvio comportamental” (Machado, 2006). De acordo com o artigo 1 do texto do referido projeto se criaria

no âmbito do Estado do Rio de Janeiro o Programa de auxílio às pessoas que voluntariamente optarem pela mudança da homossexualidade, ou de sua orientação sexual da homossexualidade para heterossexualidade.

Já o Artigo 2º autoriza o poder público

a desenvolver programas de coletas e divulgação de informações junto a organizações governamentais e não governamentais sobre a prevenção, apoio e/ou possibilidade de reorientação sexual das pessoas que vivenciam a homossexualidade que assim desejarem, bem como das crianças e adolescentes sob a responsabilidade dos seus pais, guardião ou tutor (grifos meus).

A despeito da reação do movimento gay na sociedade civil e da criação da Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual na ALERJ, esse polêmico projeto tramitou pelas várias comissões de trabalho daquela casa⁵, recebendo pareceres favoráveis em todas elas, mas foi rejeitado na sessão plenária de 08 de dezembro de 2004 em votação bastante significativa: seis votos favoráveis e trinta contrários⁶. De qualquer maneira, o próprio encaminhamento da proposta revela que para alguns atores religiosos a problemática da homossexualidade deve ser examinada além dos templos e, pela natureza dos argumentos apresentados pelos legisladores pentecostais que votaram favoravelmente, a

⁵ Nas comissões de Constituição e Justiça e de Saúde, os relatores dos pareceres aprovados foram os deputados pentecostais Domingos Brazão (PMDB/Igreja Comunidade Evangélica) e Samuel Malafaia (PMDB/Assembléia de Deus). Já na Comissão de Combate às Discriminações e Preconceitos de Raça, Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional, o relator foi o deputado Noel Carvalho (PMDB), que, embora não tenha identidade evangélica, é vinculado ao grupo político da governadora Rosângela Matheus.

⁶ O único parlamentar evangélico que votou contra a proposta do deputado Edino nessa tramitação nas comissões foi Jurema Batista, do Partido dos Trabalhadores (PT). O conteúdo de seu voto foi o seguinte: “Por entender que qualquer tipo de projeto que fale de reorientação pode estimular comportamento de perseguição a este grupo já tão vulnerável em nossa sociedade que meu parecer é CONTRÁRIO ao Projeto de Lei nº 171/2003”.

explicação do fenômeno também requer formulações diferentes daquela centrada nas intervenções demoníacas na personalidade do sujeito social. A estratégia dos religiosos pentecostais para desqualificar as relações homossexuais baseou-se, uma vez mais, na antiga associação cristã do sexo com a procriação e o princípio da complementaridade dos corpos masculinos e femininos.

Neste sentido, ainda que o homossexualismo não seja considerado doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e exista uma articulação nacional em defesa da diversidade sexual no Brasil, verifica-se entre os líderes pentecostais a persistência da caracterização da escolha sexual por parceiros do mesmo sexo como distorção da natureza. Só que hoje os pastores não se restringem ao exorcismo no interior de seus templos; querem fazer e implementar leis cujo alcance extrapola em muito a comunidade evangélica, e nesse contexto o caráter autoritário do moralismo religioso se torna explícito e irrefutável. Tais iniciativas são vistas aqui não só como ameaças ao republicanismo ou ao caráter laico do Estado, mas também como desafios a mais no combate à homofobia, à violência e à Aids, uma vez que se observa a tendência de crescimento dessa epidemia justamente nos grupos que constituem a base social do pentecostalismo. De qualquer maneira, o elemento mágico parece encontrar contrapeso cada vez maior nas formulações de cunho ético.

IV – Quando os demônios rondam os laboratórios científicos e os gabinetes políticos de Brasília

Em 2005, o projeto de lei de biossegurança (PL n. 2401/2003), que trata do plantio e comercialização de transgênicos e do uso de embriões humanos em pesquisas científicas, entrou na pauta para deliberação no plenário da Câmara de Deputados do Congresso Nacional. No dia da votação os legisladores evangélicos realizaram pela manhã, como vinham fazendo desde que criaram a Frente Parlamentar Evangélica naquela casa, um culto no Plenário de nº 2 da Ala Antônio Mariz. Havia dezoito deputados, dois prefeitos e quatro dezenas de funcionários acompanhando a celebração animada por um coro e o acordeão do pastor da Assembléia de Deus e deputado federal Raimundo Santos (PL/PA).⁷

O culto se iniciou com as palavras dos deputados Pedro Ribeiro (PMDB/CE), Amarildo Martins Silva (PMDB ou PSC/TO) e Zelinda Jarske (PFL/BA). Os dois primeiros, apresentados também como pastores da Assembléia de Deus, concentraram suas falas no projeto de biossegurança a ser votado na parte da tarde e associaram as investigações genéticas às ações

⁷ A filiação partidária indicada cada vez que aparece o parlamentar é aquela do momento do trabalho de campo e realização das entrevistas, ou seja, março de 2005.

demoníacas e à prática do aborto. Amarildo Silva pediu a intervenção divina clamando para que “Jesus retire do projeto a proposta da pesquisa com células-tronco, uma coisa do maligno e porta aberta para a aprovação do aborto no Brasil”. Já Pedro Ribeiro argumentou “que não se pode dar vida tirando vidas”. Na mesma direção, a deputada Zelinda fez a seguinte oração:

Senhor estamos aqui para fazer pronunciamentos, elaborar e votar leis, mas estamos aqui principalmente para honrar o seu nome. Estamos aqui como seus representantes numa missão temporária, mas estamos aqui para fazer a sua vontade. Portanto, iluminai nossos colegas para que votem contra a proposta de pesquisa com a célula-tronco.

Um quarto deputado, o Pastor assembleiano Hidecazu Takayama (PMDB/PR), assumiu o comando do culto e numa pregação de quarenta minutos lembrou aos ouvintes,

Estamos no mundo, mas não somos desse mundo e estamos reunidos aqui hoje para lembrar disso. Vários parlamentares esquecem disso e se perdem nas disputas partidárias e se escondem nas comissões. Dizem que não tem tempo de reunir conosco para orar, mas na realidade eles estão mortos, insensíveis e sem emoção. Esqueceram que nosso compromisso principal é com Jesus. E que é a vontade dele que deve nos guiar aqui. Eu também sou absolutamente contra essa proposta de que falava nossos colegas e peço a todos os deputados presentes que digam não hoje no plenário.

Dos quase sessenta deputados evangélicos com mandato na 52^a legislatura, dois terços votaram contra o projeto em questão. O restante se absteve ou seguiu a orientação do Conselho de Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus para que votassem com o governo. O responsável pela transmissão da orientação teria sido o deputado e também pastor Marcos de Jesus, que substituiu o Carlos Rodrigues na coordenação política do grupo dessa denominação no Congresso Nacional. Chamo atenção para o culto e para a votação evangélica dessa temática porque servem não só para mostrar a heterogeneidade dos pentecostais evangélicos, como também para corroborar o argumento de que mesmo as denominações que mais lançam mão da magia nos templos, caso da IURD, podem apresentar percepções mais racionais e éticas dos problemas contemporâneos. No caso em questão, a transformação da Igreja Universal em ator político coletivo, favoreceu o deslocamento da chave interpretativa da magia para o discurso científico do potencial terapêutico das células tronco e para o plano das escolhas responsáveis.

V – Considerações finais

A partir de alguns temas polêmicos e atuais – participação na política institucional, homossexualidade e uso de embriões humanos nas pesquisas científicas – procurei desenvolver algumas considerações sobre a relação das dimensões mágicas e éticas no movimento pentecostal no Brasil contemporâneo. O caráter fragmentário desse movimento sugere cautela nas tentativas de estabelecer generalizações apressadas, mas a acirrada competição interdenominacional e a lógica mimética que tem orientado as estruturas eclesásticas na disputa pela ampliação da capacidade de influência na esfera pública permitem identificar algumas tendências importantes. Assim, embora a crença na atuação do demônio no mundo de hoje seja aspecto fundamental do imaginário pentecostal e a prática de exorcismo seja bastante difundida nesse universo, percebe-se que tanto uma como a outra estão a serviço da rígida moral sexual do grupo e favorecem redefinição do *ethos* privado em função do *ethos* confessional.

Sem abrir mão dos valores do grupo, algumas lideranças religiosas procuram contrabalançar a dimensão mágica com argumentos naturalistas e adoção de novas formas de atuação junto à sociedade. E, certamente, a participação no poder legislativo seria uma importante iniciativa no sentido de lançar os atores religiosos pentecostais para além da magia. Afinal, a necessidade de ampliar a base eleitoral provoca o enquadramento do discurso no marco da cultura política mais ampla e as conquistas dos movimentos sociais sugerem o deslizamento cada vez maior da resistência às demandas mais libertárias para o campo do naturalismo. De qualquer maneira, não se trata de processo linear. É mais do que argumentar a favor da substituição total da magia por formas mais laicas de moralidade sexual, o que se procurou mostrar é que essas dimensões são constitutivas do pentecostalismo e que a primeira pode estar a serviço não só da segunda, mas da ética da salvação em sentido mais amplo.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, R. A guerra das possessões. In: Oro, A; Corten, A e Dozon, J. P. *Igreja Universal do Reino de Deus- Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 321-342.
- BIRMAN, P. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In: Birman, P; Crespo, S. e Novaes, R. *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ., 1997.
- _____. *Fazer estilo criando gêneros*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Relume Dumará, 1995.
- CAMPOS, Leonildo *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis: Vozes/Umesp, 1997.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: Duarte, Luiz Fernando Dias; Heilborn, Maria Luiza; Lins de Barros, Myriam; Peixoto, Clarice (orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2006.

- _____. Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M. L. et al. *Sexualidade família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond 2005, p. 137-176.
- FERNANDES S.R.; SOUZA, Luis, A. *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. (Ceris). São Paulo: Paulus, 2002.
- FONSECA, Luis Adão Prefácio. In: Nogueira, Carlos F. *O Diabo no imaginário cristão*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- FONSECA, A. B. *Mídia, religião e política: a evangelização da campanha presidencial*. Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 186-207, 2004.
- _____. Fé na tela: características e ênfases de duas estratégias evangélicas na televisão". *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 33-52, 2003.
- FRY, P. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. O mal e os malvados: as crenças polidemonistas na Igreja Universal do Reino de Deus. In: *Debates do NER*, ano 6, n. 7. Porto Alegre, 2005, p. 125-134.
- _____. Os domínios do maligno e seu combate: notas sobre algumas percepções evangélicas atuais acerca do mal. In: *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, julho de 2003, p. 35-41.
- GIUMBELLI, Emerson (org.) *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MACHADO, M. D. C. *Política e Religião*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- _____. Além da Religião. *Cadernos do Ceru/USP*, v. 12, p. 139-150, 2001.
- _____. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS". *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 275-302, 1998.
- _____. *Carismáticos e pentecostais*. São Paulo: Editores Associados e Anpocs, 1996.
- _____. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, p. 7-27, 1995.
- MACHADO, M. D. C. & MARIZ, C. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Antropolítica*. Niteroi, v. 5, p. 21-44, 1998.
- MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. In: *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, julho de 2003, p. 21-34.
- _____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília L. A teologia da batalha espiritual: uma revisão bibliográfica. In: *Revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais*. Rio de Janeiro, n. 47, 1 de semestre de 1999, p. 33-48.
- _____. O demônio e os pentecostais no Brasil. In: Birman, P.; Novaes, R.; Crespo, S. (orgs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Brasil sem homofobia*. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTM e de promoção da cidadania homossexual. Brasília, 2004.

- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: Heilborn, Maria Luiza; Duarte, Luiz Fernando Dias; Peixoto, Clarice e Barros, Myriam Lins, *Sexualidade, família e etnos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, Edusc, 2. ed., 2002.
- NOVAES, R. As metamorfoses da besta fera: o mal, a religião e a política entre os trabalhadores rurais. In: Birman, P.; Novaes, R.; Crespo, S. (orgs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ.
- ORO, A. A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. In: *Debates do NER*, ano 6, n. 7. Porto Alegre, 2005, p. 135-147.
- _____. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Cadernos do NER*, 1 (1) UFRGS, 2003.
- _____. Religião e política nas eleições 2000 em Porto Alegre. In: *Debates do NER – Religião e eleições 2000 em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, ano 2 – n. 3, 2001, p. 87-97.
- _____. Considerações sobre a modernidade religiosa. *Sociedad y religión*, 14/15, 1996, p. 61-70.
- ORO, Ivo. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- SEGATO, R. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô de Recife. Em *Anuário Antropológico 85*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.